

FONÉTICA

SIN

SEMÂNTICA

PERCURSOS EM LINGUÍSTICA:

**TEORIAS,
ABORDAGENS E
PROPOSTAS**

Patrick Rezende
Guilherme Brambila
(Organizadores)

PRAGMÁTICA

FONOLOGIA

TRADUÇÃO

MORFOLOGIA



Pedro & João
editor

DISCURSO

**PERCURSOS EM LINGUÍSTICA:
TEORIAS, ABORDAGENS E PROPOSTAS**

**Patrick Rezende
Guilherme Brambila
(Organizadores)**

**PERCURSOS EM LINGUÍSTICA:
TEORIAS, ABORDAGENS E PROPOSTAS**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Patrick Rezende; Guilherme Brambila [Orgs.]

Percursos em linguística: teorias, abordagens e propostas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 405p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-743-5 [Impresso]

978-65-5869-744-2 [Digital]

1. PERcursos Linguísticos. 2. Pesquisa em Linguística. 3. Teoria e prática. 4. Abordagens e propostas. I. Título.

CDD – 410

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2021

A Lillian DePaula,
Que sempre buscou traduzir palavras, artes e sentimentos.
Nosso eterno obrigado!

Poema-flor
(para Lillian DePaula)

Júlia Almeida

Chega leve,
presença altiva,
traça missão:
juntar mundos, povos, línguas;
nos deseducar do peso de ser um;
ser o outro, dar-se.
Me traduz para os outros.

Faz um mapa próprio,
embaralha Sul, Norte.
Tudo é meio para as conexões mais raras,
guarani e inglês.
Descoloniza-se,
descoloniza-nos.

Não para,
de aldeias indígenas em aldeias globais,
poliniza humanidades.
Deixa um imenso legado de saberes entrecruzados,
de encontros científico-afetivos,
de mentes fecundadas.

Merece um poema sem fim,
de gentilezas,
delicadezas,
palavras-força,
abraços saudosos
e dias melhores;
que descreva em detalhe a vista da Barra do Jucu,
tomando um café,
a varanda de Manhattan,
a descida do Rio Negro,
Manaus;
um poema-flor,
flores,
muitas flores.

APRESENTAÇÃO

Definir ou até mesmo limitar um campo específico no qual a linguística contribui contemporaneamente seria uma tarefa inglória. Mesmo que o escopo de trabalho do(a) linguista seja claramente situado na investigação dos fenômenos manifestados a partir da língua, o raio de abrangência e importância das ciências da linguagem tem se expandido, na constante busca pela transformação social via socialização acadêmica.

Dentre as várias possibilidades de se compartilhar conhecimento e atualização à área, os periódicos científicos se tornaram uma importante ponte no alinhamento, debate e qualificação do que produzimos na linguística. Por tamanha relevância e responsabilidade, esta coletânea celebra a primeira década da revista científica *PERcursos Linguísticos*, do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL – UFES).

Iniciada em 2011 com a proposta de ser um periódico feito por e para discentes do PPGEL – UFES, a *PERcursos* tornou-se plataforma para o compartilhamento de trabalhos qualificados em diversas áreas da linguística, como os Estudos Analíticos-descritivos da Linguagem, os Estudos de Texto e Discurso, a Linguística Aplicada e os Estudos da Tradução. Além de uma década de publicações de artigos científicos nas áreas mencionadas, passaram pela *PERcursos Linguísticos* dossiês temáticos sobre diferentes abordagens e entrevistas com pesquisadores renomados nacional e internacionalmente. Tais feitos concretizaram o destaque e a relevância do periódico na socialização acadêmica entre linguistas e demais pesquisadores interessados.

Na perspectiva de manter esse compromisso de compartilhamento, esta coletânea traz artigos de pesquisadores engajados no avanço e atualização de suas respectivas áreas,

demonstrando com a relevância de seus textos as diversas possibilidades de trabalho que conferem à linguística contemporânea seu status de ciência plural diante das diversas demandas da vida humana permeadas pela linguagem.

Os autores convidados para o presente livro são importantes colaboradores e responsáveis pelo crescimento e projeção da *PERcursos Linguísticos* ao longo destes dez anos, por meio de seus pareceres, de suas proposições e participações nos dossiês temáticos, entrevistas e divulgação. Por este e por todos os demais aceites à revista, nosso grande agradecimento.

A coletânea segue em essência o escopo da *PERcursos*, visto que apresenta trabalhos diversos com diferentes abordagens, teorias e práticas. Apesar da proposital diversidade, o leitor terá a oportunidade de encontrar em cada contribuição a persistência na realização de um trabalho sério que reafirma a importância da linguística no mundo contemporâneo, bem como as inúmeras possibilidades de se encarar os desafios em se perseguir problemas relacionados à linguagem.

Nós, que compomos a atual gerência na editoria do periódico, desejamos aos leitores uma rica experiência de leitura e contato com os múltiplos percursos possíveis em linguística, de modo que esta obra se torne não apenas uma referência atualizada acerca do trabalho do(a) linguista na contemporaneidade, mas uma oportunidade de encontrar nas próximas páginas os motivos que nos engajam a acreditar nas ciências da linguagem como campo de transformação social.

Patrick Rezende
Guilherme Brambila

SUMÁRIO

DE VOLTA AO PASSADO PARA BUSCAR ENTENDER O FUTURO: REVISITANDO EFEITOS LEXICAIS NA CONCORDÂNCIA NOMINAL EM AMOSTRAS DA FALA CARIOCA DE 1980	11
María Marta Pereira Scherre	
QUALIDADE DE VOZ EM MÚSICAS DO <i>IRON MAIDEN</i>	73
Alexsandro Meireles	
MAS, AFINAL, O QUE É MESMO PRAGMÁTICA?	95
María da Penha Pereira Lins	
A PRAGMÁTICA NOS ESTUDOS DAS PATOLOGIAS DA LINGUAGEM E DA COMUNICAÇÃO	117
Crisbelli Domingos Elena Godoy	
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL SOB A PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO	133
Micheline Mattedi Tomazi Joelson de María Rocha	
NECROPOLÍTICAS NOS PORÕES DA LINGUÍSTICA	167
Isadora Machado Luiz Felipe Andrade Silva	
LINGUA(GEM) E ENUNCIADO: UMA PROPOSTA VERBIVOCOVISUAL DA/NA FILOSOFIA BAKHTINIANA	209
Luciane de Paula José Antonio Rodrigues Luciano	

OS LUGARES DO CÍRCULO DE BAKHTIN NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO: REFLEXÕES EM DUAS ESFERAS	235
Luciano Vidon Guilherme Brambila	
OS INCOMODADORES E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES E PROVOCAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA	269
Daniel Ferraz Janaina Gonçalves	
LER HISTÓRIAS EM SALA DE AULA: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM INTERTEXTUALIDADE	299
Janayna Bertollo Cozer Casotti	
FILOSOFIA DA ALEGRIA COMO DISCURSO DO SAMBA	323
Júlia Almeida Monyque Assis Suzano	
SOBRE TRADUZIR E ENSINAR: O LOCAL DA QUINTA HABILIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	337
Patrick Rezende	
O USO DE ELEMENTOS DA NARRATIVA COMO FATORES INDICADORES DE ESTILO PARA INVESTIGAR TRADUÇÕES DE HEART OF DARKNESS PARA O ESPANHOL: UM ESTUDO SOBRE ESTILÍSTICA TRADUTÓRIA	365
Mayelli Caldas de Castro	
SOBRE OS ORGANIZADORES	397
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	399

OS INCOMODADORES E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES E PROVOCAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA¹

Daniel Ferraz²
Janaina Gonçalves

Introdução: Os incomodadores

Assim, o que pode existir em comum entre Giordano Bruno e Joana D'Arc? E entre Garcia Lorca e Abraham Lincoln? Entre Sócrates e Alan Turing. Entre Galileu e Julian Assange? Madame Curie e Oscar Wilde? Alfred Dreyfus e Julius Oppenheimer? E entre os personagens míticos Sísifo e Prometeu? E entre Martin Luther King e Marielle Franco. Entre Copérnico, Van Gogh, Tiradentes, Malala Yossfzai, Trotsky, Jesus Cristo, Wolinski, Raif Badawi, Raul Seixas, Nelson Mandela, Zumbi dos Palmares. E no conjunto deles? TODOS ERAM INCOMODADORES (ZILBER, 2018, p. 3³).

O dramaturgo Sylvio Zilber (2018) escreveu o texto intitulado “Incomodadores (ou culpas e desculpas): as regras confirmando o estado de exceção”, em que explica a realidade que nos cercava com o surgimento de discursos (neo)fascistas em nossa sociedade escravocrata do século XX. Alguns desses incomodadores, destacados na epígrafe acima, são seres humanos que, pelos

¹ Agradeço ao CNPq por financiar esta pesquisa.

² Agradeço à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas por me proporcionar a escrita deste texto com Janaína Gonçalves, em período que me encontro em estudos para pós-doutoramento na Bélgica.

³ Os autores gostariam de agradecer o dramaturgo e ator Sylvio Zilber pela disponibilização do texto “Os incomodadores”. Informamos que temos a autorização do autor para circulação do texto, que pode ser realizada via e-mail destes autores.

incômodos ao *status quo* e pelas mudanças revolucionárias que causaram, foram perseguidos, assassinados ou presos:

Suas vidas, obras, pensamentos e/ou atitudes incomodavam as velhas e tradicionais estruturas de poder estabelecidas e as regras, os costumes e tradições de suas épocas. E estas, sentindo-se ameaçadas, reagiam. E os puniam por isso. As punições sempre foram exemplares: desde as torturas e fogueiras da Inquisição até o assassinato, o suicídio induzido, a prisão, o isolamento compulsório, o banimento de suas comunidades, a rejeição social e também a força, as chicotadas, o apedrejamento, a intimidação, o fuzilamento, a internação psiquiátrica etc. (ZILBER, 2018, p. 2).

A naturalização das condenações sem crime e sem provas, as perseguições políticas e as notícias falsas criadas para manter um grupo fascista e nazista em vários momentos do século XX (e até séculos anteriores) são revisitadas como um espelho do obscurantismo atual de nossa história. O texto de Zilber compara trajetórias de diversos incomodadores desses sistemas escritos, reescritos e reinterpretados pelos “donos da bola” (ou donos dos meios de produção, numa terminologia marxista) de uma sociedade injusta que absorve somente o conhecimento, então conveniente, de fontes socialmente pré-determinadas.

O estado de exceção em que vivemos é desvelado nas palavras do autor em comparação com diversas narrativas de punição, de violência e de injustiças, como forma de alerta para que possamos desconfiar sempre de regras e dualidades que nos pareçam incorretas, de violências naturalizadas, de exceções e mais exceções às quais nos acostumamos diariamente nesta primeira década do século XXI, com o retorno do discurso (neo)fascista e o genocídio pulverizado das chamadas minorias (que constituem, na verdade, maiorias sem poder, como as mulheres, por exemplo). Tais alertas se levantam como formas de combater o *status quo*, também presente na Educação Linguística (EL) por meio de presenças discursivas de colonialidade, apropriação e desvalorização dos povos, línguas, práticas e culturas (especialmente do Sul global).

Assim é que este texto propõe estabelecer diálogos inter ou transdisciplinares em direção à pesquisa, no sentido de vincular os estudos advindos desde a filosofia da linguagem pós-estruturalista, e da sociologia até a EL em línguas estrangeiras e a formação do docente da área de Letras. As questões principais aqui propostas se relacionam aos vínculos potencialmente estabelecidos entre essas áreas e os processos sociais atuais, buscando, assim, aprofundar as bases epistemológicas (relativas ao conhecimento) e ontológicas (relacionadas à natureza do ser, à existência e à realidade). Analisamos as relações dialógicas entre essa formação e os fundamentos que compõem nossa prática como educadores linguísticos. A partir dos novos mergulhos em fontes filosóficas, propomos formas por meio das quais poderíamos ressignificar tais práticas educativas em nosso processo educacional linguístico e nos repensarmos como educandos e educadores.

Como justificar um texto que fala dos incomodadores da história, aqui adaptado às áreas de educação, linguística aplicada e formação? Bem, talvez esses incomodadores nos ajudem a amenizar as angústias causadas em profissionais da educação mediante a realidade sociopolítica de universos (hetero) patriarcais, coloniais e capitalistas. Por meio da releitura dos incomodadores, quais sejam, filósofos da desconstrução, sociólogos e educadores, buscamos fomentar releituras essenciais às criações epistemológicas (e ideológicas) que nos levaram às circunstâncias controversas e difíceis no universo da educação do século XXI.

Dito isso, a metodologia para a escolha dos incomodadores (escolha difícil, havia muitos outros e outras) discutidos neste texto se deu por meio de uma perspectiva qualitativa-interpretativista, em que selecionamos os autores e algumas de suas contribuições filosóficas a partir de nossos encontros com a disciplina Filosofia de Linguagem, Educação Linguística (EL) e Formação Docente, ministrada por um destes autores no ano de 2020 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Assim, escolhemos cinco incomodadores (três filósofos da linguagem, um filósofo e um sociólogo do Direito Internacional),

os quais, a depender de nossas conversas e perspectivas, são problematizados em diferentes proporções no texto (essa proporcionalidade não se refere a hierarquizações epistêmicas).

Em cada seção, iniciamos com leituras realizadas sobre o incomodador para em seguida enriquecer o texto com as teorias do próprio incomodador, todas acompanhadas das vozes desses autores e, quando possível, também com exemplos do Brasil da década de 2020. Ao final de cada seção/incomodador, propusemos a responder às seguintes questões: por que esse incomodador nos ajuda a pensar a sociedade? Por que esse incomodador incomoda a EL? Por fim, além de agradecer a todos os estudantes de pós-graduação que nos ajudaram a construir a disciplina mencionada (e a você que nos acompanha neste momento), gostaríamos de convidar o leitor a escolher o seu próprio caminho de leitura, ou seja, que o leitor possa escolher qual incomodador gostaria de ler primeiro e qual leria por último (ou mesmo qual não teria interesse em ler e o “pularia”). Nas considerações finais, encerramos com algumas autocríticas sobre a escritura deste texto, bem como as suas muitas limitações. Vamos aos incomodadores!

Incomodador 1 – Bakhtin: Novas – e antigas – visões de língua/linguagem

As propostas bakhtinianas de compreensão linguística, segundo Vidon e Brambila (2016), observam a importância e a complexidade do Círculo de Bakhtin não apenas para os cursos de Letras, mas também para a própria concepção de linguagem e língua dos estudantes. Além disso, discursam sobre o desenvolvimento do conceito de dialogismo pelo Círculo e a percepção da língua e da linguagem a partir da socialização, da presença de sujeitos entrelaçados no processo de pensamento. Tal visão difere das concepções estruturalistas, uma vez que estas se alinhavam às correntes positivistas e que, de certa forma, negligenciavam a língua viva e dinâmica (VIDON; BRAMBILA, 2016).

Menezes de Souza (2004, p. 128) afirma que “Bakhtin (1973), por exemplo, denunciou a ilusão da autorreferencialidade da linguagem, que provoca a ilusão de que os significados estão nas palavras e que o processo de significação é algo abstrato e desligado de qualquer contexto sócio ideológico”. Ainda nas palavras do autor, “Bakhtin criticou a ilusão de que a língua é um sistema abstrato, neutro e homogêneo sem variações socioculturais, temporais e, portanto, ideológicas, e mostrou como a significação se dá sempre de forma contextualizada, dialógica e ideológica” (Ibid.). Nessa esteira de pensamento, Dentith (1995), sobre Voloshinov e Bakhtin, explica a proposta de concepção bakhtiniana de linguagem como sorvida para direções opostas: a centrípeta em direção ao centro unitário e a centrífuga em direção a várias “línguas”.

As propostas do Círculo, portanto, especialmente nas vozes de Bakhtin e Voloshinov (1986 e 2010⁴), tornam-se essenciais para o desenvolvimento de estudos de língua/linguagem, e influenciaram toda a concepção sobre os processos de significação e sobre o signo ideológico. Por exemplo, Bakhtin nos ajudou a revisitar os conceitos de língua e linguagem, afirmando que a língua é um fenômeno social, ou seja, de que “a língua é um processo contínuo e generativo, implementado na interação socio-verbal dos falantes” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1986, p. 9, tradução nossa⁵); eles explicam, ainda, que “tudo que é ideológico possui significado: representa, retrata e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outras palavras, trata-se do signo. Sem signos, não há ideologia”.

Como resumo, ressaltamos que as teorias do Círculo trazem as seguintes contribuições: elas alteram o jogo dos processos de construção de sentidos, propondo visões diversas de língua e linguagem e suas realizações como algo que acontece no seio da

⁴ Especificamente duas obras principais observadas na disciplina e na pesquisa, quais sejam: BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination: Four essays*. University of Texas Press, 2010; e VOLOSHINOV, Valentin Nikolaevich; BAKHTIN, Michail M. *Marxism and the Philosophy of Language*. Harvard University Press, 1986.

⁵ Na sentença original: “Language is a continuous generative process implemented in the social-verbal interaction of speakers” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1986, p. 9)

interação, entre os sujeitos; com isso, reafirmam a dialogia como fundamental para essa interação verbal; elas demonstram, ainda, que a língua não é formada por signos fixos, transparentes e independentes da história; pelo contrário, afirmam que todo signo é ideológico; tais signos estão num entrelugar de forças centrípetas (que tentam manter a ilusão de que são sentidos unívocos) e centrífugas (que mostram que os signos adquirem e se expandem em novos sentidos, a depender dos contextos em que ocorrem); nesse sentido, a ideia de heteroglossia (a diversidade linguística proveniente das forças sociais atuantes, provendo a concomitância de diversas vozes) como característica fundamental da língua traz uma nova possibilidade de visão e de dinamismo dos processos de significação; tais noções assim ajudam a inaugurar e adensar as perspectivas pós-estruturalistas de língua/linguagem;

✚ E por que esses conceitos (ou incomodadores) nos ajudam a pensar a sociedade?

Com as contribuições dos estudos do Círculo, adensam-se os estudos pós-estruturalistas da linguagem e, conforme tentamos brevemente demonstrar, entenderemos que, em todo processo dialógico da linguagem e das línguas,

a diferença e alteridade são elementos constitutivos tanto da linguagem quanto do processo da significação. E aí nesse processo dialógico, em que não há garantia de significação fora dos contextos de produção e da recepção dos enunciados, os interlocutores da língua travam uma luta constante pelo significado (MENEZES DE SOUZA, 2004, p. 128).

✚ Por que esse(s) incomodador(es) incomoda(m) a EL?

Essa visão incomoda enormemente todos aqueles que defendem o não diálogo e, conseqüentemente, as visões *top-down* proferidas via língua e linguagem. Entendemos que nosso processo reflexivo como educadores e educandos linguísticos seja fortemente materializado a partir de nossa concepção de língua e dos processos

de significação. A forma como lidaremos com nossos educandos ou pares, tendo a língua como meio, objeto e sujeito de trabalho, torna-se nossa materialização como sujeitos atuantes nos processos sociais (meta)linguísticos. Mais especificamente, não passaremos horas de nossas aulas ou orientações debatendo sobre conceito de língua, mas a forma como lidaremos com sua heteroglossia⁶ diante de uma explicação sobre os significados envolventes de um conceito específico, que será certamente mais diversificada do que seria diante de uma ideia fixa de língua e linguagem, em que os conceitos estejam vinculados diretamente de um para um.

Incomodador 2 - Derrida: desconstrução e descentralização

Derrida tenha sido talvez um dos grandes teóricos que, via linguagem, desconstruiu não somente entendimentos de linguagem, mas, com eles, toda a metafísica ocidental e, com isso, todos os pilares das linguagens que sustentam os da modernidade: positivismo, racionalismo, logocentrismo, estruturalismo, para citar alguns (FERRAZ, 2021). Acompanhado da leitura de Nietzsche, Freud, Heidegger, para quem deu as mãos, e Saussure e Levis Strauss, dos quais foi crítico, Derrida criou uma filosofia da linguagem própria, criticando toda e qualquer metafísica universalista (Ibid., 2021).

Por meio de uma contextualização bem-humorada (e imagética) da intelectualidade europeia (especialmente francesa) como berço ideológico de grandes movimentações revolucionárias

⁶ *Heteroglossia* is an interesting and thoughtful literary term to discover and understand to get the taste of a novel. The term was introduced by the Russian linguist Mikhail Bakhtin in his "Discourse in the Novel" in 1934. *Heteroglossia* describes the coexistence of varieties within a single "linguistic code". Bakhtin argues that the power of the novel originates in the coexistence of, and conflict between, different types of speech: the speech of characters, the speech of narrators, and even the speech of the author. He defines *heteroglossia* as "another's speech in another's language, serving to express authorial intentions but in a refracted way. Disponível em: <https://faisaltamal.wordpress.com/2009/08/30/heteroglossia/> Acesso em 25 maio 2021.

das décadas de 1960 e 1970, Powell e Howell (2000) afirmam, em *Derrida for Beginners* (Ibid.), que tal intelectualidade teria sido seguida de uma desmotivação por parte desses vanguardistas, gerando uma pós-modernidade desiludida com seus próprios ideais. Paralelamente a essa pós-modernidade desiludida, nos Estados Unidos da América (EUA) do final dos anos 1960, Derrida iniciava sua carreira com a ideia principal da desconstrução (POWELL; HOWELL, 2000). Em seguida, pela leitura então do próprio Derrida (1978 ou 2002/1967⁷) sobre estrutura, signo e jogo no discurso das ciências humanas, visualizamos as questões de suas propostas de desconstrução:

Se for realmente assim, toda história do conceito de estrutura, antes da ruptura de que falamos, tem de ser pensada como uma série de substituições de centro para centro, um encadeamento de determinações do centro. O centro recebe sucessiva e regularmente formas diferentes. A história da metafísica, como a história do ocidente, seria a história dessas metáforas e dessas metonímias (DERRIDA, 2002/1967, p. 231).

Assim,

O jogo é sempre jogo de ausência e de presença, mas se o quisermos pensar radicalmente, é preciso pensá-lo antes da Alternativa da presença e da ausência: é preciso pensar o ser como presença ou ausência a partir da possibilidade do jogo e não inversamente. (DERRIDA, 2002/1967, p. 248).

Da mesma forma que o nosso pensamento sociopolítico, Derrida apresenta algo impactante aos estudos linguísticos: sua crítica e seus questionamentos quanto à centralidade de nossa formação epistemológica. Assim como as propostas dialéticas dos materialistas, ele questiona nossa própria necessidade de centralizar o pensamento, como se houvesse apenas uma única forma “correta” e “central”, enquanto todas as demais seriam submetidas a um lugar

⁷ Na disciplina, foi possível optar pelo texto em inglês ou em português: DERRIDA, Jacques. *Structure, sign, and play in the discourse of the human sciences. Writing and difference*, v. 278, 1978; ou DERRIDA, J. *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, 2002/1967, p. 227-248. Livro: *A escritura e a diferença*.

marginalizado. Ele explica, por exemplo, como a etnologia, como uma ciência europeia e tradicional, acaba pressupondo o etnocentrismo mesmo que na intenção de denunciá-lo, e, por isso, suas implicações acabam necessitando de muito cuidado. Para ele, no entanto, isso não significa entender que as formas de ceder ao tradicionalismo sejam iguais, ponderando que:

A qualidade e a fecundidade de um discurso talvez sejam mensuradas pelo rigor crítico com o qual essa relação com a história da metafísica e com os conceitos herdados é pensada. Aqui está uma questão de uma relação crítica com a linguagem das ciências humanas e uma questão de uma *responsabilidade crítica do discurso*. Trata-se de colocar expressa e sistematicamente o problema do status de um discurso que empresta de uma herança os *recursos necessários para a desconstrução dessa mesma herança*. Um problema de *economia e estratégia* (DERRIDA, 1978, p. 3, tradução e grifos nossos⁸).

Essa responsabilidade crítica do discurso que Derrida menciona, por sua vez, está profundamente atrelada a toda forma com que entendemos a língua e nosso posicionamento discursivo dentro e por ela. Como um filósofo pós-estruturalista, suas propostas descentralizantes e desconstrutivas oferecem “os recursos necessários para a desconstrução dessa mesma herança” (Ibid.), como ele propõe.

As contribuições de tais críticas pós-estruturalistas, que questionariam o foco numa estrutura abstrata central em detrimento das profundas relações envolvidas nos processos linguísticos ideológicos e materializados no enunciado linguístico, fundamentam a possibilidade de um trabalho feito a partir de

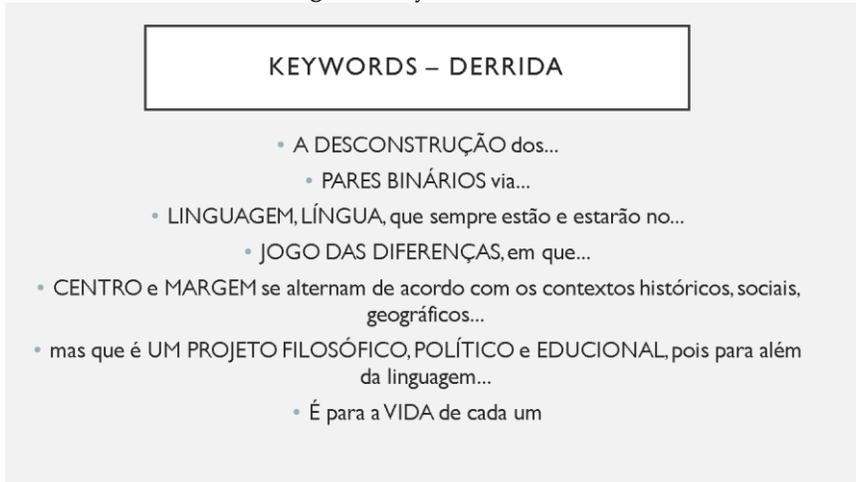
⁸ Fazemos aqui uma tradução livre, a fim de manter o texto mais acessível, do seguinte trecho: *The quality and the fecundity of a discourse are perhaps measured by the critical rigor with which this relationship to the history of metaphysics and to inherited concepts is thought. Here it is a question of a critical relationship to the language of the human sciences and a question of a critical responsibility of the discourse. It is a question of putting expressly and systematically the problem of the status of a discourse which borrows from a heritage the resources necessary for the deconstruction of that heritage itself. A problem of economy and strategy* (DERRIDA, 1978, p. 3).

economia e estratégia, sem deixar de recorrer às heranças linguísticas necessárias a essa desconstrução proposta.

A esse respeito, é inevitável observar o mesmo tipo de desilusão nas esferas políticas nos últimos anos com o que convencionamos chamar de esquerda para definir o grupo de pessoas que se reúnem (com ou sem formação partidária) para discutir e aplicar ideias socialmente progressistas em relação e combate ao *status quo* (patriarcal, colonial e capitalista). Como podemos observar em diversos colegas progressistas, a forma de pensamento binário (por ex., quando entramos para grupos com os quais nos identificamos, idealizamos que ali haverá consenso em diversos aspectos), leva-nos a acreditar que estamos finalmente entre iguais e nossas ideias estariam, então, centralizadas. Na realidade, entretanto, o dissenso é muito mais corrente. Além disso, em formações progressistas, as críticas são amiúde sustentadas por argumentos considerados “válidos” pelos próprios progressistas, o que acaba estimulando a sensação de não pertencimento ou de impossibilidade de ações quando os dissensos ocorrem nas discussões. Para tanto, acreditamos que os estudos de Derrida com suas propostas de questionamento ao logocentrismo e às centralizações paradigmáticas são de extrema relevância, de forma que podem ajudar-nos a lidar com as críticas e os dissensos em nossa prática pedagógica, política e social a partir de um pensamento mais plural e inclusivo.

Como resumo, encerramos com as palavras-chave do movimento de desconstrução/descentralização via linguagem de Jacques Derrida:

Imagem 1: Keywords – Derrida



Fonte: arquivo pessoal dos autores.

✚ E por que esses conceitos (e esse incomodador) nos ajudam a pensar a sociedade?

- “Ao retirar a credibilidade das grandes narrativas e transformá-la em problema, em interrogação, as ideias mais caras deste projeto, as filosofias da diferença abandonam a perspectiva universalista, a ordem fixa das coisas, as certezas que buscam a unidade e calam as diferenças, criando como alternativa aos grandes sistemas de sentido elaborados no curso de toda a história da filosofia as micrologias, ou os pequenos relatos, entendidas como linguagem própria da comunidade de vida” (HEUSER, 2005, p. 85).

- “As filosofias da diferença questionam os pressupostos que dão origem ao pensamento binário que teria conduzido e tiranizado o pensamento ocidental até o nosso século, com o qual estamos acostumados a raciocinar guiados pela lógica identitária que acaba por subordinar o movimento da diferença” (HEUSER, 2005, p. 85).

Quando falamos aqui de pensamento binário e desconstrução das ideias hegemônicas, é importante esclarecer que não estamos questionando absolutamente todos os pressupostos científicos nem mesmo epistêmicos em relação às narrativas, mas sim sua

hegemonia, sua única vertente, sua certeza de verdade diante de todos os supostos “erros” construídos a partir de narrativas diversas não centrais. Nesse ponto, vale uma leitura rápida de Oswald de Andrade: “Quando o português chegou debaixo duma bruta chuva vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol o índio tinha despido o português” (DE ANDRADE, 2017). Nessa leitura poética e desconstruída, percebe-se o advento das condições por trás das narrativas que prevalecem. E Derrida nos traz então a ideia do jogo binário da ausência e da presença, da centralidade narrativa e de como nossa epistemologia se construiu a partir das centralizações.

✚ Por que esse incomodador incomoda a EL?

Derrida pode ser potente para pensarmos outras visões via línguas e linguagem, EL e formação docente. Por meio da desconstrução das oposições binárias em nossas aulas, e por meio do ensino da Língua Estrangeira (LE), por exemplo, podemos repensar e inverter algumas oposições binárias das sociedades contemporâneas, já que, para Derrida, um dos polos é geralmente privilegiado nas relações: mulher x homem, verdade x mentira, cultura x primitivo/popular, corpo x alma, professor x aluno.

Com isso, Derrida mostra como essas oposições estão imbricadas e como uma sempre é central, natural e privilegiada enquanto a outra é ignorada, reprimida e marginalizada. Após essa constatação, o autor sugere que refaçamos e subvertamos essa hierarquia fazendo com que o texto signifique exatamente o oposto do que originalmente era. Então, abre-se para a possibilidade de vislumbrarmos ambos os termos da dicotomia em um jogo de sentidos não hierárquico e não estável (FERRAZ, 2021).

Incomodador 3 - Foucault: micropoderes e domínio do corpo

Na mesma atmosfera de intelectualidade progressista de Derrida, o pensamento de Foucault emerge como uma tendência contra o autoritarismo das relações de poder. Com Mills (2003),

entendemos as condições dessa análise foucaultiana progressista de eventos comuns, como o perfil de situação acadêmicas, o trabalho doméstico e todas as suas relações com a vida política. Ela explica que Foucault vê a significância dessa mudança de visão para uma ampliação da política, incluindo assuntos como psiquiatria, relações domésticas e confinamento nos problemas a serem tratados na esfera pública (uma vez que representam os micropoderes espelhados na esfera privada). Os protestos contra a repressão ao ativismo político nas universidades da França se classificariam como um tipo de contracultura, de rejeição aberta aos valores burgueses, e nessa corrente progressista desenvolve-se o pensamento foucaultiano (MILLS, 2003).

Nossas observações anteriores sobre a desilusão comum de pessoas com os grupos de esquerda também se ligam ao que Mills traz sobre a vida de Foucault e sua relação com o Partido Comunista Francês. Ela conta que ele teria se filiado em 1950 e deixado o partido logo em seguida, desiludido com algumas instâncias doutrinárias. Ela acredita que as desilusões do filósofo estariam relacionadas à invasão soviética à Hungria em 1956 e à condenação do partido em relação à sexualidade (MILLS, 2003). Assim, Foucault parece ter enfrentado questões do heteropatriarcado dentro do próprio partido, o que soa provável principalmente porque grupos de esquerda historicamente categorizaram a homossexualidade como um vício burguês, em especial no século XX.

Assim como uma realidade assustadora do neoconservadorismo do século XXI, a perseguição aos grupos LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e ⁹) também ocorria em relação aos grupos e partidos progressistas no século XX. O progresso desses grupos muitas vezes se limitava a atualizar seus posicionamentos sobre a esfera privada de acordo com as orientações de

⁹ A inserção do + foi determinada a fim de incluir aqueles casos de identidade de gênero e sexualidade que não se sentissem contemplados na sigla por nenhuma das iniciais.

organizações científicas e acadêmicas. Como exemplo, apenas em 1973 a Associação Americana de Psiquiatria retirou a homossexualidade do Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais, e apenas em 1990 a OMS (Organização Mundial de Saúde) publicou a versão atualizada de Classificação Internacional de Doenças (CID)¹⁰. Com esse aporte científico, a própria esquerda sempre se dividiu em relação às definições políticas de combate à discriminação, e até mesmo assumiu, em alguns casos, o papel de perseguir essa comunidade¹¹. Além disso, as relações com grupos religiosos (especialmente catolicismo e protestantismo) mantiveram historicamente diversos dogmas justificando atos de discriminação de gênero e de sexualidade dentro de grupos progressistas (mesmo que, em casos especiais em nossa história, grupos religiosos tenham servido também de acolhimento para perseguições a vítimas dessas mesmas discriminações).

Após tais desilusões com o partido, Foucault teria se tornado um anticomunista, e suas relações com o marxismo deveriam, segundo Mills, ser desvinculadas de suas relações com o partido. Ela explica que:

Muitas vezes, Foucault reconhece sua dívida com o pensamento marxista e há vários elementos em seu trabalho que sugerem a profunda influência das análises marxistas das relações de poder e o papel da desigualdade

¹⁰ Mais detalhes sobre essa modificação nos manuais científicos podem ser consultados em: <http://www.clam.org.br/noticias-clam/conteudo.asp?cod=11863#:~:text=Pelomundo-,Orienta%C3%A7%C3%A3o%20sexualnaCID%2D11,ofMentalDisordersE2%80%93DSM>). Acesso em 25 de jun. 2020.

¹¹ Como exemplo, citamos o trecho de uma reportagem de 2018 sobre a reforma constitucional para o reconhecimento do casamento homossexual em Cuba: “Uma das páginas mais obscuras do castrismo foi a existência, entre 1965 e 1968, das Unidades Militares de Ajuda à Produção, campos de trabalhos forçados para a “reeducação” de indivíduos que o regime do Fidel Castro considerava extraviados com relação à moral revolucionária. As tenebrosas UMAP recebiam delinquentes comuns, dissidentes políticos, religiosos e homossexuais, entre outros. Estima-se que nelas foram encarcerados cerca de 30.000 cubanos, sendo 800 deles especificamente por serem gays.” Fonte: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/07/22/internacional/1532287928_730414.html> Acesso em jul. 2020

econômica na determinação das estruturas sociais. No entanto, igualmente forte é a sensação de Foucault reagindo contra grande parte do pensamento marxista. Fundamentalmente, é o foco puramente econômico e centrado no Estado¹² do qual Foucault se distanciou, enfatizando que o poder precisa ser reconceituado e que o papel do Estado e a função da economia precisam de uma revisão radical (MILLS, 2003, p. 17, tradução nossa).

Nesse aspecto, Foucault traz a visão de que o pensamento marxista, com toda sua contribuição essencial para o entendimento das estruturas de poder, também precisaria de uma repaginação para o aprimoramento dos tempos, então no século XX. Nessa linha, acreditamos que, embora todas as previsões de Marx sobre as ondulações e crises do capitalismo estejam de fato ocorrendo e a dominação ideológica de classe tenha contribuído para a manutenção das demais dominações (como o heteropatriarcado e a colonialidade), encontramos novas perspectivas de suas propostas em autores que se propuseram a essa reestruturação ou, como preferimos chamar, recontextualização. Em especial, acreditamos que as maiores contribuições de Foucault nessas releituras materialistas estejam nas críticas ao heteropatriarcado, aos micropoderes cotidianos e à estrutura manicomial (como formas exemplares do domínio do corpo dos indivíduos pelas estruturas de micropoder).

Entendemos que, assim como Bakhtin, em suas visões sobre heteroglossia e signo ideológico, e Derrida, com sua ideia de desconstrução, Foucault teria então operado nos trabalhos de ressignificação de uma sociedade com problemas de opressão estrutural, sem descuidar das construções críticas progressistas que

¹² Nesse aspecto, acredito que exista certa desatenção acadêmica e geral em relação às discussões filosóficas e epistemológicas concebidas por Marx e Engels, e até uma crença comum em sua exclusividade sobre classe. Em diversos textos dos autores, podemos observar contribuições filosóficas superestruturais, apontando inconsistências de leituras cujos argumentos se baseiam numa exclusividade economicista. Como exemplo, menciono *The German Ideology* (Referência completa: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The german ideology*. International Publishers Co, 1970).

o precederam filosoficamente, como o materialismo (mesmo que em relações controversas com este).

Consideramos, portanto, uma releitura de contextualização materialista toda a questão trazida por Foucault sobre o corpo como um instrumento de poder. Mills conta que o pensamento do autor amplia parâmetros das lutas socialistas e seus objetivos, e por isso tem sido influente na teoria pós-colonial e até mesmo na teoria feminista. Embora ele tenha sido considerado misógino, teóricas feministas encontraram utilidade em seu pensamento no sentido de identificar o corpo como um local de poder (MILLS, 2003). Especialmente tais proposições se encaixam nos estudos sobre o patriarcado e o domínio do corpo da mulher. Tal perspectiva, portanto, seria válida tanto para estudos relacionados ao gênero quanto para aqueles relacionados ao poder no ambiente de trabalho, pois ambos usam o corpo e o tempo das pessoas como forma clássica de dominação, controle e exploração.

Em uma de suas entrevistas, Foucault (2005) sugeriu que as relações de poder ultrapassam os limites estatais, uma vez que o Estado seria incapaz de atuar num microgerenciamento dos corpos, mas seria capaz de atuar neles de forma superestrutural, ideológica. Nessa visão, o Estado seria normalmente responsável por visões mais gerais de comportamento e correção, mas no cotidiano das pessoas, haveria diversas outras micro manifestações de poder. Este estaria estabelecido entre chefes e empregados, homens e mulheres, adultos e crianças.

Assim, embora sejam inúmeras (e até controversas) as contribuições do autor como filósofo da sociedade e da linguagem, acreditamos que as críticas sobre o controle do corpo e as aceitações epistemológicas de forma geral sobre as definições de sanidade e de insanidade dos sujeitos sejam as mais significativas como contribuições às pesquisas da linguagem. E isso ocorre porque, como oferece o reflexo e a refração de uma sociedade estruturada sobre o domínio do corpo (e aqui utilizamos a terminologia escolhida por nosso primeiro incomodador, Bakhtin, sobre

aspectos linguísticos), a língua necessariamente permite tais leituras e até a observação das naturalizações da dominação.

Como resumo, ressaltamos que as teorias de Foucault trazem as seguintes contribuições:

Foucault (2011, p. 8) nos provoca a repensar nossas visões sobre verdade e poder indagando: “Se o poder fosse apenas repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que ele seria obedecido?” E continua:

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 2011, p. 08)

Esses sentidos não estão longe do cenário político atual brasileiro: parece claro que os discursos de verdade e poder têm sido produzidos por meio do velho ditado: “Uma mentira contada mil vezes se torna uma verdade”. São tantos os descabros proclamados pelo governo federal brasileiro desde 2019 que não podemos pensar em outra coisa senão o prazer da imposição de UMA verdade, pelo poder (FERRAZ, 2021).

✚ E por que esses conceitos (ou incomodador) nos ajudam a pensar a sociedade?

Foucault, por nos apresentar a forma como os poderes controlam ou buscam controlar não apenas nossos pensamentos por meio de uma esfera (super)estrutural, ideológica no sentido amplo do termo, mas também pela opressão do corpo, pelas formas de controle da liberdade, como o sistema penitenciário quase totalmente voltado à população negra e periférica de nosso país, como os sistemas de saúde e de trabalho voltados aos privilégios de corpos masculinos heteronormatizados em detrimento de outros corpos, aos privilégios de corpos atuantes dentro dos valores

comportamentais de seu tempo, em detrimento de corpos destoantes de tais valores. Enfim, pela forma como os sistemas hegemônicos manifestam suas potencialidades de poderes e micropoderes sobre os corpos mais ou menos vulneráveis de acordo com a hegemonia dicotômica de “verdade” e de “razão”.

✚ Por que esse incomodador incomoda a EL?

As respostas vêm do próprio Foucault, sobre as suas visões da escola como prisões, ou seja, educadores devem problematizar todas essas questões colocadas por Foucault em suas práticas, e visões de língua:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluralidades confusas, maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1987, p.169-170).

Aos educadores linguísticos de Línguas Estrangeiras ou Adicionais, essas formas de controle podem talvez parecer pouco próximas de nossa realidade, uma vez que já estamos há décadas envolvidos com metodologias ativas e colaborativas (especialmente se comparadas a outras realidades disciplinares). No entanto, há ainda várias marcas desse controle em nossa prática, ou mesmo nas formações trazidas por nossos estudantes por uma busca constante da “verdade” única, do “correto” e do “errado”, da disciplinaridade pura (sem inter ou trans), nas neutralizações de subjetividades, no controle dos corpos

aprendizes. Enfim, Foucault nos incomoda também em nossas posições hierárquicas, em nosso micropoder educacional, em nossa prática educador-educando, em nossas verdades estabelecidas, em nossos corpos controlados e até controladores por vezes. Acreditamos que esse seja também um dos incômodos essenciais.

Incomodador 4 – Deleuze (e Guattari): a filosofia como criação

Uma das grandes contribuições de Deleuze e Guattari se dá em suas propostas de visualizarem o filósofo como amigo do conceito, como um criador que é potencialmente o próprio conceito, e não como um observador simplesmente reflexivo. Falaremos aqui mormente de Deleuze, embora entendamos os vários entrecruzamentos com Guattari em sua obra.

A posição ativa de criador proposta por Deleuze vem na corrente de pensamento das afirmações (de Marx, inclusive) em relação a nosso papel (filósofos, pensadores, educadores, trabalhadores, seres humanos) como atuantes na história, de modificadores de nossa realidade naquilo tudo em que ela precise ser modificada. Esse aspecto propositivo pode ser visto na explicação de Gallo (com base em Deleuze) sobre a visão de educação maior e menor. Ele explica que, para Deleuze, a educação maior se refere às políticas públicas (como a LDB¹³), planejada comumente a serviço do poder. Acreditamos que tais afirmações, por exemplo, precisem ser avaliadas à luz das transformações do século XXI, no sentido de que tal poder volta a ser fortemente representante do discurso dominante com as retomadas de políticas neoconservadoras. E Deleuze aponta então para o que chama de educação menor:

Uma educação menor é um ato de *revolta e de resistência*. Revolta contra os fluxos instituídos, resistência às políticas impostas; *sala de aula como trincheira*, como a toca do rato, o buraco do cão. *Sala de aula como espaço a*

¹³ Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em jul. 2020.

partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro aquém ou para além de qualquer política educacional (GALLO, 2003, p. 64-65, grifos nossos).

Assim, seu entendimento filosófico se aproxima da realidade do educador com o processo educativo em ação, traz a proposta de transformação por meio da Educação, na corrente de muitos dos filósofos com quem nos encontramos na disciplina Filosofia da Linguagem. Além disso, Deleuze ainda se relaciona profundamente com a nossas proposições epistemológicas a partir de seu modelo de rizoma como forma de pensamento não binário. Como explica Souza:

Deleuze e Guattari procuraram construir um pensamento que não se resumiria a pensar sobre, a refletir e a interpretar a história da vontade de verdade. Atendendo a Nietzsche (1998) eles vão além da interpretação, eles procuraram a *produção de pensamento, produção de conceitos*. [...] E para atender a isto eles tiveram que se voltar ao próprio modelo convencional de pensamento humano, para produzir pensamento era preciso sair do modelo arborescente, remissivo e essencial, para um modelo que proporcionasse uma representação mais próxima da superfície, do pensamento que se propaga em vastidão, para isso eles produziram o modelo *rizoma*. [...] Estas extensões do caule em um platô [como o modelo de rizoma] formam a imagem de um emaranhado de linhas conectadas, *onde não se distingue início, fim e núcleo fundante ou central*, a imagem são de linhas que se propagam *ad infinitum*, cada uma comportando o seu próprio devir (SOUZA, 2012, p. 12, grifos nossos).

De certa forma, as ideias de conceituar o rizoma dialogam com as críticas ao logocentrismo apresentadas por Derrida; a postura propositiva de Deleuze dialoga com a postura de Marx em relação à necessidade de transformação social; e suas visões de educação como militância dialogam profundamente com as contribuições construtivistas.

Como resumo, ressaltamos que Deleuze e Guattari trazem um aporte mais propositivo da palavra, no sentido de olharem para nossas práticas como ação de criação, de mostrar a sala de aula como lugar de formação e de atuação professoral, de militância, menos como hierarquia e mais como processo criativo e educativo a partir

da ideia rizomática. Nessa militância atrelada à criação de conceitos, eles se aproximam muito do que Paulo Freire chama de palavração. Em sua proposta de rizoma, o autor ainda nos aproxima do conhecimento com uma imagem não centralizada e sim pulverizada e dinâmica.

✚ E por que esses conceitos (ou incomodadores) nos ajudam a pensar a sociedade?

Especialmente no Brasil, por estarmos atrelados a uma ideia de educação arborescente, fortemente tecnocrata e pouco dialética, a uma imagem dura e dicotômica de conhecimento (bem diversa do modelo rizomático), bem como a uma expectativa enrijecida de sala de aula como linha de produção (distante da sala de aula como trincheira).

✚ Por que esses incomodadores incomodam a EL?

Porque, apesar de termos nos conectado a novas metodologias, conforme mencionamos há pouco, estamos ainda imersos no universo educativo e ideológico do tecnicismo. Para além disso, a EL muitas vezes reproduz os conceitos eurocêntricos ou mesmo centrados nos países do Norte global, componentes de nossas bases epistêmicas, inclusive aqui pelo próprio acesso que temos aos autores desse hemisfério. Tal dinâmica poderia ser subvertida com o modelo rizomático de conhecimento, como ocorre também neste artigo pelas leituras de brasileiros sobre tais autores e nossa própria releitura interpretativa e adaptativa ao ambiente latinoamericano.

Incomodador 5 – Boaventura de Sousa Santos: pensamento pós-abissal e *acção-com-clinamen*

Sousa Santos propõe uma análise profunda e inquietante de nossa realidade por meio das linhas abissais, do pensamento jurídico abissal mundial e de uma realidade colonial ainda em

tempos presentes. Assim é que o autor propõe novas epistemologias, novas formas de pensamento com o reforço da humanização nos países do Sul global.

Em sua análise, Sousa Santos (2014) desvela uma hipocrisia presente nas relações documentais e jurídicas das colônias do Sul, sempre em situação de subserviência política, econômica e ideológica sob domínio dos países do Norte (essa hipocrisia pode ser um exemplo do Brasil atual). Tais relações perpetuam o que ele chama de linhas abissais, considerando aqui tais linhas de forma física e geográfica e de forma virtual, ideológica. Ou seja, não apenas linhas geográficas nos separam de nossos colonizadores, como também linhas criadas a partir das narrativas de dominação. Ele explica que sua tese é sobre a real continuidade das relações do período colonial:

O pensamento moderno ocidental continua a operar mediante *linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano*, de tal forma que *princípios de humanidade não são postos em causa por práticas desumanas*. As colônias representam um modelo de exclusão radical que permanece actualmente no pensamento e práticas modernas ocidentais tal como aconteceu no ciclo colonial. Hoje, como então, a criação e ao mesmo tempo a negação do outro lado da linha fazem parte integrante de princípios e práticas hegemónicas. Actualmente, Guantánamo representa uma das manifestações mais grotescas do pensamento jurídico abissal, da criação do outro lado da fractura enquanto um não-território em termos jurídicos e políticos, um espaço impensável para o primado da lei, dos direitos humanos e da democracia. Porém, seria um erro considerá-lo uma excepção. Existem muitos Guantánamos, desde o Iraque à Palestina e a Darfur. Mais do que isso, existem milhões de Guantánamos nas *discriminações sexuais e raciais* quer na esfera pública, quer na privada, *nas zonas selvagens das megacidades, nos guetos, nas sweatshops, nas prisões, nas novas formas de escravatura, no tráfico ilegal de órgãos humanos, no trabalho infantil e na exploração da prostituição* (SOUSA SANTOS, 2014 p. 10-11, grifos nossos).

Nesse aspecto, o que o autor considera uma manifestação do pensamento jurídico abissal se reflete necessariamente nas práticas linguísticas e no pensamento pedagógico abissal. Os ideais de modernidade e internacionalização até mesmo no ambiente

acadêmico tendem a repetir e perpetuar tais padrões de pensamento obscurecidos pela colonialidade, reforçando as linhas abissais em inúmeros aspectos. Como estamos do lado de lá das linhas, ou seja, somos latinos, brasileiros, sulistas e trabalhadores, estamos sujeitos às condições sub-humanas mencionadas pelo autor. As práticas desumanas refletem as narrativas ideológicas que nos cercam, como a busca pelo ideal linguístico de um norte branco, masculino e “moderno”. A discriminação de gênero, racial e de classe nos rodeia diariamente em nossa realidade privada e pública, por estarmos do lado de lá da linha traçada como ideário de mundo. E dentro de nosso próprio “lado de lá”, há ainda mais divisões abissais, e estas marginalizam de forma ainda mais violenta subgrupos desta nossa colonialidade de acordo com suas identidades sociais.

O autor detalha ainda a tensão entre regulação e emancipação presentes nas relações da colonialidade, convivendo com a tensão entre apropriação e violência. Além disso, exemplifica as formas de fascismo social estruturadas em nossa sociedade e as formas assumidas por esse fascismo na contemporaneidade:

Em suma, a minha tese é que a cartografia metafórica das linhas globais sobreviveu à cartografia literal das *amity lines* que separavam o Velho do Novo Mundo. *A injustiça social global está, desta forma, intimamente ligada à injustiça cognitiva global.* A luta pela justiça social global deve, por isso, ser também uma *luta pela justiça cognitiva global.* Para ser bem sucedida, esta luta exige um novo pensamento, um pensamento pós-abissal. (SOUSA SANTOS, 2014, p. 11, grifos nossos).

A partir do entendimento de língua como heteroglóssica, pelo aporte bakhtiniano, podemos pensá-la no sentido contra-hegemônico e de forma transdisciplinar. Entendemos que, se buscamos, como pesquisadores, a justiça social e cognitiva e trabalhamos especificamente com EL, nossa visão de que a “injustiça social global está, desta forma, intimamente ligada à injustiça cognitiva global” nos traz a responsabilidade de transformar essa forma de cognição, essa formação epistemológica sobre e pela língua. Se a EL critica os

conceitos e termos da hegemonia cultural, os conceitos contra-hegemônicos poderiam, assim, ser trazidos à luz para direcionar a formação linguística em conjunto com a conscientização social proposta por Paulo Freire em toda sua obra.

Nessa vertente, além de emprestar os conceitos do Círculo de Bakhtin e de Freire, cabem os conceitos de Sousa Santos (2007) sobre a Ecologia de Saberes, como a *acção-com-clinamen* e o pensamento pós-abissal. Sobre a *acção-com-clinamen*, ele explica que, diferente das qualidades reprodutivas e repetitivas de uma ação conformista, a *acção-com-clinamen* traz a perturbação e o inexplicável:

Ao contrário do que acontece na acção revolucionária, a criatividade da acção-com-clinamen não assenta numa ruptura dramática, *antes num ligeiro desvio, cujos efeitos cumulativos tornam possíveis as combinações complexas e criativas* entre átomos, assim como entre seres vivos e grupos sociais. *O clinamen não recusa o passado; pelo contrário, assume-o e redime-o pela forma como dele se desvia.* O seu potencial para o pensamento pós-abissal decorre da sua capacidade para atravessar as linhas abissais (SOUSA SANTOS, 2007, p. 32, grifos nossos).

Nossos grifos assim realçam a ação que se propaga em direção a um desvio discursivo nos componentes curriculares da EL, por meio de posicionamentos contra-hegemônicos, decoloniais e provenientes sobretudo das forças centrífugas linguísticas, refletindo e refratando lutas contra o heteropatriarcado capitalista.

Como resumo, ressaltamos que as teorias de Sousa Santos nos ajudam a repensar a sociedade moderna em sua totalidade e historicidade, por meio de sua proposta do pensamento pós-abissal, qual seja, precisamos pensar em como esses abismos e binarismos (humanos *vs.* desumanizados; ciência absoluta *vs.* cosmologias, por ex., indígenas; heteropatriarcado *vs.* outras formas de existência e sociabilidades não patriarcais, por ex., as mulheres), podem e devem ser urgentemente problematizados. De início, Sousa Santos propõe uma ecologia de saberes, rejeitando uma visão harmoniosa e revolucionária em que saberes teoricamente dialogariam, e mostrando que, ao invés da ruptura dramática, precisamos dos

desvios ligeiros (ação-com-clinamem), “cujos efeitos cumulativos tornam possíveis as combinações complexas e criativas” (Ibid.) dentro de uma ecologia de saberes.

✚ E por que esses conceitos (ou incomodador) nos ajudam a pensar a sociedade?

Concordamos com Sousa Santos quando ele nos alerta que, em meio à pandemia do Covid-19, é muito importante que nos atentemos ao conceito de crises. Segundo ele houve muitas crises, antes e depois da pandemia. Sem retirar ou diminuir a gravidade da pandemia, ele nos mostra que há três outras grandes crises provocados por três grandes desafios que as sociedades contemporâneas devem enfrentar, se desejam algum tipo de justiça cognitiva e social: o colonialismo, o capitalismo e o patriarcado. Sousa Santos nos lança esse desafio e suas teorias vêm tentando indicar alguns caminhos alternativos (por ex., os discutidos aqui: pensamento pós-abissal e ecologia dos saberes).

✚ Por que esse incomodador incomoda a EL?

Sousa Santos pode nos ajudar a entender, então, os legados da colonialidade, do capitalismo e patriarcado em nossas formações docentes, práticas pedagógicas, nas relações com nossos estudantes e, principalmente, pode ser potente (e incomodador) para a desconstrução de nossas próprias bases de pensamento (de discursos e ações), nos colocando algumas questões: “Nas minhas aulas de inglês, como vejo as questões de *nativelikeness* ou mesmo a dicotomia *North-American (US) vs. British English?*” Na mesma esteira, “discuto essas questões com meus estudantes, toco no colonialismo britânico e imperialismo estadunidense, em termos de língua, linguagem e culturas?” Ainda, como as questões em torno do capitalismo e neoliberalismo, todas elas, da simples lição “*Go shopping*” à discussão do mercado de trabalho para os educadores linguísticos no Brasil, podem colaborar com visões amplas sobre

formação docente? Como os nossos estudantes podem participar desses debates, trazendo as suas vozes nas aulas? Finalmente, é possível (ou necessário?) discutirmos as questões de um patriarcado insurgente e extremamente tóxico em nosso país (algo, aliás reforçado não somente pelo Presidente da República, mas pela maioria que controla os capitais econômicos, simbólicos e culturais)? É importante que alunos de LE saibam que nossa história privilegiou o homem branco, “rico”, heteronormativo e criou assim linhas abissais geográficas e ideológicas, marginalizando todos os demais lugares sociais?

Considerações finais

Em vez de encerrarmos com o resumo de tudo que foi apresentado, gostaríamos de propor a você, leitor, uma última conversa (embora, já num movimento autocrítico, percebemos que estabelecemos mais teorias filosóficas do que conversas com você) sobre a realização deste texto. Gostaríamos de encerrar com dois movimentos, o primeiro subjetivo e o segundo referente às limitações desta conversa filosófica.

Eu, Daniel Ferraz, fui o docente da disciplina mencionada e, de maneira ainda muito tímida, acredito ter sido um incomodador local para essa turma. Meu encontro com este texto de Zilber foi deveras impactante e levá-lo à sala de aula foi o início de várias provocações filosófico-educacionais que estariam por vir, por meio dos filósofos discutidos neste texto. As provocações filosóficas vieram por meio de aulas 100% on-line, em meio à pressão, da noite para o dia, para o ensino remoto emergencial. No texto original, tínhamos, ainda, a pretensão de trabalhar com os incomodadores educacionais, como, por exemplo, o grande Freire, ou Giroux e Bourdieu (bem, esses ficam para uma outra conversa). Os filósofos (e sociólogo) aqui discutidos, bem como suas teorias, podem ser potentes para pensarmos uma nova EL e uma nova academia; uma EL que discuta as suas bases linguístico-filosófico-educacional, como vem defendendo Monte Mór (2014; 2015). Pensar

filosoficamente a EL significa, principalmente, vislumbrar que tipo de sociedade queremos e estamos criando todas as vezes que adentramos nossas salas de aula, em todas as atividades por nós propostas, em toda e qualquer resposta e interação de nossos estudantes. Proposta complexa, mas necessária. Há muitas limitações deste texto, como bem coloca proximamente a minha coautora Janaína. Para mim, a principal delas é buscar simplificar e didatizar a linguagem filosófica. Embora tenhamos tentado ao máximo fazê-lo no percurso do texto, ao encerrá-lo, percebemos que ainda temos muito a caminhar, dialogar, repensar, reposicionar os pensamentos filosóficos e suas contribuições para a Educação Linguística, esse é também o próprio exercício filosófico da criação e amizade do conceito de Deleuze; assim seguimos com o desafio da criação de uma filosofia didática (talvez mais Marilena Chauí em nossa vidas).

Eu, Janaína Gonçalves, participei da disciplina como estudante e doutoranda, mergulhei nas leituras dos autores diretamente em contato com a escrita de capítulos fundamentais de minha tese, especialmente com Bakhtin e Sousa Santos, sendo este último um incomodador contemporâneo que tive o privilégio de conhecer no prédio da História da USP (Butantã), em junho de 2019. Os incomodadores de Zilber me vieram como grandes motivadores para os estudos dos demais autores, e houve momentos, inclusive durante este artigo, em que me incomodou a ausência de mulheres nesta nossa lista de pensadores. No entanto, mais do que sua ausência, incomoda-me a constante dificuldade das mulheres, como eu, dentro do convívio profissional e acadêmico, dificuldade que tantas incomodadoras enfrentam devido a toda essa centralidade do pensamento capitalista, heteropatriarcal, colonial, centralizado que tais pensadores nos ajudam a superar (talvez nosso próximo texto deva realmente problematizar incomodadoras, por exemplo, Hannah Arendt, Judith Butler, Maria Lugones, Gayatri Spivak, Marilena Chauí, Sharon Todd, Walkyria Monte Mór, Marcia Tiburi, Angela Davies, Djamila Ribeiro, Linda Alcoff, bell hooks, Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, entre

muitas outras). Se a ausência delas aqui me incomoda, minha presença nos “desincomoda”, pois além de mulher, sou latino-americana, e na área de Letras minhas companheiras fazem valer a representatividade feminina de forma valente. Neste ponto, o acolhimento e a confiança do meu coautor fazem toda a diferença dentro de tais condições.

Ademais, voltando aos incomodadores que tanto valem para nossa reflexão filosófica sobre as línguas e seus papéis na história humana, pensar a heteroglossia (proposta bakhtiniana) como uma potencialidade linguística é também um incômodo, mesmo que prazeroso já nesse ponto. É um incômodo ao nosso pensamento binário reforçado a cada ano pela herança ideológica tradicional. Observar a centralidade desse pensamento fora das vertentes binárias e centrais (proposta de desconstrução de Derrida) e analisar o domínio do corpo sempre presente nesta hegemonia (como Foucault sugere) são ações incômodas, porém necessárias em nossa contemporaneidade cruel e opressora. Acreditamos ainda que fechamos com pensadores “de ouro”, trazendo Deleuze e Sousa Santos, já como intelectuais de uma modernidade, embora condenada, com esperança de uma educação criadora e rizomática, bem como de uma construção epistêmica baseada nos conhecimentos do Sul, do nosso lado esquecido atrás das linhas abissais.

Referências

BAKHTIN, M. M. *The dialogic imagination: Four essays*. University of Texas Press, 2010.

BAKHTIN, M. M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxism and the Philosophy of Language*. Harvard University Press, 1986.

DE ANDRADE, O. *Poesias reunidas*. Editora Companhia das Letras, 2017.

DENTITH, S. *Voloshinov and Bakhtin on Language*. Simon Dentith. London: Routledge, v. 40, 1995.

DERRIDA, J. *Structure, sign, and play in the discourse of the human sciences. Writing and difference*, v. 278, 1978.

DERRIDA, J. *A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*, 2002/1967, p. 227-248. Livro: *A escritura e a diferença*.

FERRAZ, D. M. *Filosofias da linguagem, decolonialidades e educação linguística: diálogos com Menezes de Souza*. In: MARTINEZ, J. Z.; SILVA, K. *Os chapéus de Menezes de Souza*, 2021, no prelo.

FOUCAULT, M. *The Foucault Reader*, ed and intro P. Rabinow. 1991.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GALLO, S. *Deleuze & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HEUSER, E. M. D. *No rastro da filosofia da diferença*. In: SKLIAR, C. (Org.). *Derrida & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 69-98.

MARX, K.; ENGELS, F. *The german ideology*. International Publishers Co, 1970.

MILLS, S. *Routledge Critical Thinkers: Michel Foucault*. Abingdon: Routledge, 2003.

MONTE MÓR, W. *Convergência e diversidade no ensino de línguas: expandindo visões sobre a "diferença"*. *Polifonia*, v. 21, n. 29, 2014.

MONTE MÓR, W. *Learning by design: Reconstructing knowledge processes in teaching and learning practices*. In: *A pedagogy of multiliteracies*. Palgrave Macmillan, London, 2015. p. 186-209.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. *A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições*. *Educação & Sociedade*, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.

NOGUEIRA, C. M. M.; NOGUEIRA, M. A. *Bourdieu & a educação*. Autêntica, 2013.

POWELL, J; HOWELL, V. *Derrida for beginners*, 2000.

SOUZA, R. M. Rizoma deleuze-guattariano: representação, conceito e algumas aproximações com a educação. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, v. 18, 2012.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista crítica de ciências sociais*, n. 78, p. 03-46, out. 2007.

SOUSA SANTOS, B.; PAULA, M. M. *Epistemologias do sul*. Cortez Editora, 2014.

VIDON, L.; BRAMBILA, G. A importância do pensamento do Círculo de Bakhtin para os cursos de letras: apontamentos e reflexões da formação à prática docente. In: REZENDE, P. (Org.). *Interfaces com a linguística: dialogando saberes*. 1ed.: Pedro & João, v. 1, p. 45-58, 2016.

ZILBER, S. *Incomodadores (ou culpas e desculpas)*. As regras confirmando o estado de exceção. 2018. [texto não publicado]